



UEPB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA
CAMPUS I- CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO PEDAGOGIA

MANUELLA PATRICIO MENEZES

**DESENHANDO OS TRAÇOS DA INCLUSÃO: RELATO DE EXPERIÊNCIA JUNTO
AO NÚCLEO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL-UEPB**

CAMPINA GRANDE
2019

MANUELLA PATRICIO MENEZES

**DESENHANDO OS TRAÇOS DA INCLUSÃO: RELATO DE EXPERIÊNCIA JUNTO
AO NÚCLEO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL-UEPB**

Trabalho de conclusão de curso Desenhando os traços da inclusão: relato de experiência junto ao núcleo de educação especial - UEPB apresentado a coordenação de educação da universidade estadual da Paraíba - campus I, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em pedagogia.

Área de concentração: Educação Especial.
Orientadora: Prof. Ms. Ruth Barbosa de Araújo Ribeiro

**CAMPINA GRANDE
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M543d Menezes, Manuella Patricio.
Desenhando os traços da inclusão [manuscrito] : relato de experiência junto ao Núcleo de Educação Especial - UEPB / Manuella Patricio Menezes. - 2019.
25 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação , 2019.
"Orientação : Profa. Ma. Ruth Barbosa de Araújo Ribeiro , Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC."
1. Educação especial. 2. Atendimento especializado. 3. Síndrome de Down. 4. Processo de individualização. I. Título
21. ed. CDD 371.9

MANUELLA PATRICIO MENEZES

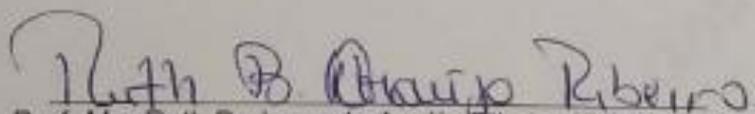
DESENHANDO OS TRAÇOS DA INCLUSÃO: RELATO DE EXPERIÊNCIA JUNTO
AO NÚCLEO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL-UEPB

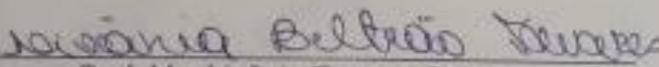
Trabalho de conclusão de curso
Desenhando os traços da inclusão: relato
de experiência junto ao núcleo de
educação especial - UEPB apresentado a
coordenação de educação da
universidade estadual da Paraíba -
campus I, como requisito parcial à
obtenção do título de licenciada em
pedagogia.

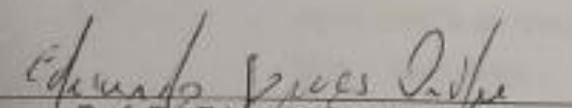
Área de concentração: Educação
Especial.

Aprovada em: 07/08/2019.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Me. Ruth Barbosa de Araújo Ribeiro (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Me. Livânia Tavares Beltrão
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. Eduardo Gomes Onofre
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao autor da minha vida Jesus Cristo, aos meus pais, e ao meu querido esposo, por toda dedicação, companheirismo e compreensão, DEDICO.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEDUC- CENTRO DE EDUCAÇÃO

CIA- CENTRO DE INTEGRAÇÃO ACADÊMICA

DI-DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

ECA-ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE

LDB- LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL

NEDESP-NÚCLEO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL DE SÃO PAULO

SD- SÍNDROME DE DOWN

TDAH-TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO COM HIPERATIVIDADE

UEPB- UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	7
2	DISCUTINDO EDUCAÇÃO ESPECIAL.....	9
3	DIREITOS HUMANOS E INCLUSÃO.....	13
4	A INDIVIDUALIZAÇÃO DO CORPO COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL: APROXIMAÇÃO ELIASIANA.....	15
5	METODOLOGIA.....	18
6	RELATO DE EXPERIÊNCIA.....	18
7	CONCLUSÃO.....	22
	REFERÊNCIAS.....	23
	AGRADECIMENTOS.....	25

RESUMO

Manuella Menezes

A presente pesquisa teve como objetivo principal apresentar as contribuições do trabalho do Núcleo de Educação Especial (NEDESP) da Universidade Estadual da Paraíba, campus Campina Grande, PB, no tocante aos estudos relacionados à inclusão e de como o NEDESP tem aproximado a UEPB da comunidade. Desse modo, aqui está o resultado de intervenções pedagógicas feitas a partir do contato com uma jovem com Síndrome de Down (SD). Para tanto, tomamos como método a pesquisa qualitativa. Como instrumento metodológico, utilizamos a observação participante. Nossos contatos com essa jovem, a partir de atendimentos, que se desenvolveram em três encontros semanais no período de fevereiro a dezembro de 2018. Foi instigante na medida em que percebemos o indivíduo com Down e seu processo de individualização, em especial quando esse revela a sua identidade corpórea. Para tanto, usamos como aporte teórico autores a exemplo ELIAS (1994), GONZÁLEZ (2002), DINIZ (2007) e MAGALHÃES (2015).

Palavras-chaves: Atendimento Especializado, Individualização, Síndrome de Down.

ABSTRACT

This research aimed to present the contributions of the work of the Special Education Center (NEDESP) of Paraíba State University, Campina Grande campus, PB, regarding the studies related to inclusion and how NEDESP has brought UEPB closer to the community. . Thus, here is the result of pedagogical interventions made from contact with a young woman with Down Syndrome (DS). For that, we take as qualitative research method. As a methodological instrument, we used participant observation. Our contacts with this young woman, from consultations, which took place in three weekly meetings from February to December 2018. It was intriguing as we perceive the individual with Down and his process of individualization, especially when he reveals the your bodily identity. For such, we use as theoretical support authors such as ELIAS (1994), GONZÁLEZ (2002), DINIZ (2007) and MAGALHÃES (2015).

Keywords: Specialized Care, Individualization, Down Syndrome.

1 INTRODUÇÃO

Entender o que é a Educação Especial e como ela é importante para o desempenho dos alunos é eficaz para um bom desenvolvimento cognitivo ela está dentro do campo da educação voltada para o atendimento de pessoas com algum transtorno. Ajudando e auxiliando em seu desenvolvimento. São ambientes especializados (como por exemplo, escolas para surdos, escolas para cegos ou espaços que atendem às pessoas com deficiência intelectual). A Educação Especial está em processo constante de transformação, seguindo as mudanças sociais.

Os objetivos da Educação Especial estão firmados nos pilares da educação enquanto bem comum e direito de todos. E que tem como princípio, auxiliar as crianças, jovens em seu desenvolvimento intelectual, o que difere é o tipo o atendimento, que passa ser de acordo com as diferenças individuais do educando, atenta a Lei de Diretrizes que no Artigo 58, inciso primeiro, que quando necessário os serviços de apoio dentro da escola regular deve atender as particularidades da clientela de Educação Especial.

Segundo o art. 58 da Lei de diretrizes e bases da educação nacional, nº 9394 de 20 de dezembro de 1996; *“entende-se por Educação Especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação.”* (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013)

§ 1º Haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender às peculiaridades da clientela de educação especial. (Brasil, 2017, p. 39)

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases que diz: no “§ 1º Haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado”, (2017, p. 39) nos dias atuais a escola sozinha não está dando conta da demanda do público que necessita de atendimento especializado, tem surgido instituições e parceiros para contribuir junto a escola e das as famílias, vivenciando essa necessidade por meio de pesquisas e ações foi criado o Núcleo de Educação Especial que começou no CEDUC, (Departamento de Educação da Universidade Estadual

da Paraíba), localizado no Catolé no ano de 2004 Campus – I / Campina Grande-PB. Pensado pelo Professor Eduardo Onofre Atualmente professor na Universidade Estadual da Paraíba Graduado em Psicologia, Mestre em Psicologia, Doutor em Sociologia da educação vendo necessidade de um espaço na época para auxiliar os inúmeros alunos com deficiência visual. Hoje o Núcleo se localiza no Centro de Integração Acadêmica (CIA), sala 335, terceiro andar, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Campus Campina Grande-PB. Tem como público alvo do projeto: alunos com deficiência efetivamente matriculados nos programas de pós-graduação da UEPB e no Pró-Enem, como também alunos com deficiência matriculada em escolas públicas da Cidade Campina Grande no Ensino Regular- Fundamental I, no bairro de Bodocongó, Campina Grande (PB).

O Núcleo de Educação Especial da UEPB apresenta uma proposta de atendimentos que são realizados através de atividades com matérias adaptados, atividade com uso de paradidáticos e livros didáticos, a utilização de tecnologias, como a tradução de textos para cegos em áudio, materiais recicláveis trazendo a socialização de forma pedagógica.

O Núcleo tem uma grande importância na vida dos alunos e da comunidade local volta, pois os ajudam de uma forma clara e objetiva facilitando suas atividades diárias, trazendo prazer em desenvolvê-las. O segundo ponto é a importância de trabalharmos em prol de uma política de inclusão escolar e social, que favoreça a inserção social de crianças e jovens pertencentes à comunidade que se encontra em volta da Universidade, em Campina Grande - PB. O terceiro ponto fundamental é contribuirmos com a formação profissional na área da educação especial.

Objetivamos neste artigo apresentar as contribuições do trabalho do Núcleo de Educação Especial da UEPB para a vida social de jovem com SD. E ainda perceber a relação do corpo com deficiência, intelectual, no contexto social.

2DISCUTINDO EDUCAÇÃO ESPECIAL

Na Atualidade a Educação Especial possui dois enfoques: 1º baseado nos déficits, centrado no aluno e o 2º cultural-integrador, centrado no círculo sendo resposta educacional a diversidade. Segundo Bogdan e Kungelmass (1984,p.173) apontam os seguintes enfoques da educação especial:

- 1) O déficit é uma condição do indivíduo
- 2) O déficit é um rótulo útil e objetivo
- 3) A educação especial é um sistema de serviços coordenados e racionalmente concebidos, que ajuda aos não rotulados como deficiente
- 4) Os progressos no campo da educação especial decorrem da melhoria de diagnóstico, intervenção e tecnologia.

O primeiro enfoque trás e déficit justamente como essa condição a qual o indivíduo se encontra recebendo rótulos útil e com objetivos a qual o classifica, a educação especial, vem dar esse suporte necessário dentro deste universo apoiando e criando métodos a quais ajudaram na caminhada, pois a educação especial vem auxiliar neste diagnostico junto com a intervenção e o apoio da tecnologia.

Como afirma a Unesco ,“Os objetivos da Educação Especial destinada às crianças com deficiências mentais, sensoriais, motoras ou afetivas são muito similares aos da educação geral, quer dizer: possibilitar ao máximo o desenvolvimento individual das aptidões intelectuais, escolares e sociais.” (UNESCO, 1968, p. 12).

Para cada aluno é realizado um plano de atendimento em função do déficit tendo dentro como base as funções e modalidades da escolarização. Considerando que a Educação Especial não rotula o aluno, assim o aluno sai de dentro do meio específico que é a saúde e ganha uma grande abrangência no acompanhamento pedagógico individualizado sendo ponto de investigação para o educador melhorar a sua prática, pois conseqüentemente, aprimora conhecimentos.

Dentro da área da saúde os pressupostos médicos-clínicos, para construir conhecimento, para assim ter, intervenções centradas em uma perspectiva voltada ao pedagógico e interferindo no meio da educação com criação de métodos para auxiliar em cada conduta realizada. Uma grande estudiosa foi Maria Montessori (1965), cultivando, assim, a Educação Especial com conexões pedagógicas, pois teve um grande interesse pelas crianças despertado pela prática da medicina. Entre muitos outros estudiosos da área que se destacam como Itard(2000), Séguin(1997) e Korczak(1997).

O percurso histórico da Educação Especial em nosso país se inicia no século XIX. Mas, só nos (1960) ela foi implementada no sistema educacional de fato, denominada de Educação dos Excepcionais que prestava atendimento de apoio aqueles que precisavam de uma forma mais específica e completa.

A Educação Especial veio para ajudar aqueles que precisam desse apoio, e junto a ela muitas leis que garantem esse atendimento específico, tendo ainda muito caminho para percorrer.

O censo escolar mostra a evolução do ingresso de estudantes com deficiência nas redes educacionais inclusivas, através de pesquisas estatísticas dentro do âmbito da educação que são realizadas anualmente, e com ele o Inep ajuda a verificar esse número de matrículas e todo o rendimento dos alunos. Segundo o portal do MEC o crescimento no número de matrículas na Educação Especial na rede pública e privada, 146% em escolas públicas com orientação inclusiva e 64% em escolas privadas, nos anos de 1998 e 2006, mostram com clareza a Educação Especial no nosso país.

Muitos anos antes o direito a Educação para todos foi inserida na Constituição no Império, em 1824. O ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) também faz referência a esse Atendimento Educacional Especializado para todos os portadores de deficiência no ensino regular. Exigindo que aconteça sem distinção alguma.

Após a reforma dos métodos no ano de 1890, o Instituto Benjamin Constant começa envolver os indivíduos com deficiência. Mesmo que no centro de estudo, o público não fossem alunos atípicos, eles eram colocados em salas separadas para não prejudicar o desenvolvimento dos outros alunos. Para, assim, educar cidadãos que não fossem criminosos e perturbadores da lei.

Já em 1985, foi criado o CORDE (Coordenação Nacional para a Integração da Pessoa com Deficiência) que visava os aspectos em maior amplitude que o CENESP, concedeu oportunidade de pessoas deficientes integrarem através como se dava interação de decisões.

O indivíduo, tendo certo nível de escolaridade se insere com mais facilidade no mercado de trabalho, podendo ter êxitos, rendimento salarial e até mesmo social, mas para poder ter um rompimento do ciclo da pobreza se faz necessário conseguir sair dele por meio da educação e ou da especialização em área de interesse. A educação é um direito de todos. O autor González (2002) afirma que a educação especial tem como princípio o direito a igualdade de oportunidade e o direito a igualdade de oportunidade e o direito a participação na sociedade. E a Constituição Federal brasileira garante essa educação como afirma no artigo 205:

Diz o artigo 205 da Constituição Federal de 1988. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (Brasil, 1988).

Mesmo que a Constituição Federal afirme este direito não significa que ele de fato seja cumprido. O poder público tem que intervir e disponibilizar a infraestrutura e os serviços necessários a tal fim. Esse tipo de educação se expande trazendo a Inclusão como um meio de inserção dos indivíduos dentro das escolas regulares.

Podemos assim perceber que as pessoas com deficiência estiveram excluídas do meio social por longos anos, sendo o público mais simples, do meio agrícola, com uma parcela que não escolarizada, a educação para deficientes não existia, percebendo assim essa grande dificuldade de acesso à educação.

Mesmo sendo diferenciado o Estado tinha interesse nestas pessoas por esse público, pois se tornava bem mais fácil sendo uma mão de obra barata para realizar tarefas diárias onde custava bem mais caro trazer pessoas qualificadas para o exercício diário, assim aproveitavam destas pessoas que não eram bem vistas pela sociedade, contratando assim por um valor inferior

gualitário. Não existia um olhar sensível, mas sim de aproveitamento no que poderiam oferecer, concentrava basicamente o trabalho manual a essas pessoas pelo menos na tentativa de garantir meios de existência para isentar o estado. Esses deficientes se encontravam, em grandes número em asilos, hospitais psiquiátricos sempre escondidos do meio social.

Esses cenários de comportamentos mudam em 1970, destacou-se a primeira Lei de Diretrizes e Base da Educação /LDB tendo como objetivo geral o aluno “quando fosse possível” a formação necessária na educação regular ao seu desenvolvimento dando qualificação para o trabalho em suas potencialidades, como um indivíduo preparado para exercer conscientemente a cidadania. E aos que não conseguiam resultados eram excluídos do convívio.

E por fim um grande marco que foi a Declaração de Salamanca, na Espanha, em 1994, foi marco histórico importante. Nos dias atuais após várias lutas sociais e Políticas Públicas proporciona [a exemplo nas Escolas Regulares: Municipais e Estaduais de Campina Grande-PB o direito de atendimento no AEE, e quando há necessidade de cuidadores/as].

A Educação regular atende os alunos de forma geral, e a Educação Especial visa os alunos com dificuldades na aprendizagem e no desenvolvimento físico e social. Sendo esses alunos com necessidades especiais autismo, TDAH, deficiência de atenção, dislexia, hiperatividade, deficiência auditiva, mental, visual, Síndrome de Down e superdotados. Sabe-se que crianças com deficiências precisam de profissionais capacitados e habilitados, pois a partir do momento que as Escolas os recebem eles precisaram de avaliação de uma equipe multidisciplinar e de um Plano de Atendimento Individualizado, além do relatório descritivo do acompanhamento, seja da Escola Regular ou da Instituição Especializada.

A avaliação do Plano de Atendimento Individualizado é um documento elaborado pelo professor do AEE (Atendimento Educacional Especializado) com o apoio do coordenador pedagógico de sua unidade escolar que proporciona dados para observar os avanços e quando necessário se faz o replanejamento. A inclusão pode proporcionar “aprender e a conviver com as diferenças” em vários âmbitos: Escola, família e comunidade.

As crianças com deficiência devem ser incluídas na educação para TODOS que por qualquer motivo se encontram fora da escola. Esse documento é de grande valia para a inclusão nas salas de Educação Especial.

3 DIREITOS HUMANOS E INCLUSÃO

Todos têm direito a uma sociedade igualitária. A uma educação acessível e adaptada a sua necessidade, como prevê a Constituição Federal que afirma que “A educação, é direito de todos e dever do Estado e da família”.

A escola tem um papel fundamental e o ponto principal no auxílio da formação de cidadãos junto a família, e esta construção se faz necessário aos indivíduos. É nesse espaço escola onde tudo acontece, onde a criticidade e o poder se refleti e vai aparecer para ajudar na construção e formação da própria identidade do aluno.

De acordo com Mills, (apud SCHWARTZMAN, 2009, p. 232) "a LDB foi elaborada com este propósito: ligar a escola à realidade do mundo, exigida pela globalização". A escola é um espaço para todos. E seu papel é incluir todos independentemente. É mostrar a realidade, e ligar a criança com o grande mundo lá fora.

Crianças com deficiência intelectual podem alcançar resultados extraordinários ao logo da sua vivência na escola, sendo capaz de pensar, agir e reagir, aos estímulos propostos pelos professores. E esses estímulos devem ser pensados e repensados tornando assim uma adequação do currículo funcional ou até mesmo individual de acordo com suas necessidades. Sendo assim incluindo novos métodos e maneiras em que auxiliie no desenvolvimento e amplie o conhecimento dos alunos.

Existe uma grande dificuldade dentro das escolas, pois muitos professores não sabem lidar com as determinadas situações dentro da sala. Dessa forma, o currículo modificado vem para ajudar a lidar com esse contexto que vem cada vez mais se modificando sendo de fundamental e grande importância o currículo dentro do contexto escolar, é um documento que trouxe orientações que norteiam o trabalho do professor, sendo necessária a

elaboração pelo conjunto dos membros da escola, visando sempre a realidade da escola e dos alunos inclusive dos alunos com necessidades especiais. Também deve estar de acordo com o PPP (Projeto Político Pedagógico).

Essas crianças já passaram por muitos obstáculos. Mesmo a Constituição impondo seus direitos que devem ser cumprido, isso muitas vezes não ocorre, existindo uma grande luta para que todos possam ser incluídos a essa realidade.

Não é fácil incluímos, mas é necessário e eficaz para o aluno se sentir útil para ele mesmo e para o próximo e o professor pode sim ajudar nesta integração. Tempo, paciência e esperança é essencial para os educadores. A educação é complexa e precisa de suporte.

Esse ingresso a escola é de grande importância na vida de cada indivíduo. Todos têm capacidade e habilidades que apenas precisam ser desenvolvidos a partir de estímulos.

No Brasil as pessoas com deficiência estão amparadas por lei de ter o direito a educação, escola, saúde, cultura e lazer. Isso é um direito que assiste a todos e não um favor que a sociedade presta. Então, para que isso aconteça à sociedade tem que está apta a acolher todos, tomando assim a opção de se adequar aos aparatos necessários que precisam ser acertados e assim a inclusão de fato acontecerá de forma sistemática.

4 A INDIVIDUALIZAÇÃO DO CORPO COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL: APROXIMAÇÕES ELIASIANAS.

O sociólogo Norbert Elias (1897-1990) foi responsável pelo desenvolvimento de uma teoria social inovadora, onde mostra a interação humana no âmbito social.

E quando tratamos de individualização na concepção eliasiana, entendemos o indivíduo em um processo de relações sociais que contribuem para que o mesmo se torne individual no seu coletivo de pertença

No entanto, se voltarmos um pouco a história da civilização, vamos encontrar até o fim da Idade Média um ser ainda submisso a vontade da coletividade das tribos que habitava. O termo individualização é um substantivo eminentemente moderno que surgiu no Renascimento junto à libertação da razão humana.

A concepção de individualismo, no sentido pejorativo da palavra, não pode ser confundida com egoísmo que direciona o sujeito se preocupa apenas consigo mesmo.

A individualização, como considera Elias, está relacionado com a problemática da interdependência indivíduo e sociedade, mais especificamente, com a crescente especialização dos indivíduos e das sociedades (HONORATO,2015, p.4).

Compreendemos que o indivíduo é a expressão de sua construção histórica com características que lhe são impostas socialmente, ou seja, uma estrutura que se constrói junto ao processo civilizador, através do convívio e do olhar dos outros indivíduos.

Dessa maneira, entender o indivíduo enquanto processo em um espaço que ocorre formas de individualização, implica a capacidade dada a este de se reconhecer e auto determina-se nessa pluralidade social, atraindo para si não apenas o individual e o coletivo, mas também entendendo que “não há indivíduo sem sociedade, nem sociedade sem indivíduo”.

Analisar questões da Educação Especial junto a uma jovem com Síndrome de Down aproximando-as ao livro *Mozart: sociologia de um gênio* na perspectiva eliasiana torna-se é bem desafiador, por entendermos que os estudos de Elias não foram direcionados a tal temática. Mas também é instigante na medida em que percebemos o indivíduo com Down no seu processo de individualização, em especial quando esse revela sua identidade corpórea na sociedade chamada inclusiva.

Dessa maneira, Elias apresenta no livro *Mozart: sociologia de um gênio* o músico austríaco e as formas de relações que o mesmo estabeleceu na corte. O que vemos é uma sociedade capaz de produzir artistas, mas sem condição de incluí-lo no meio social. De maneira que viveu Mozart até 35 anos

ligados por fios de interdependências que o tentava limitá-lo enquanto gênio, travando sua liberdade de escolhas. Conforme Elias:

Só dentro da estrutura de tal modelo é que se pode discernir o que uma pessoa como Mozart, envolvida por tal sociedade, era capaz de fazer enquanto indivíduo, e o que — não importa sua força, grandeza ou singularidade — não era capaz de fazer (ELIAS, 1995, p.19).

De maneira que, mesmo no contexto de forças aristocratas que o percebia apenas como uma curiosidade exótica, de um entretenimento divertido, Mozart junto a sua individualização buscava sua independência, mesmo que posteriormente, através da rejeição social que viveu e as dívidas que acumulou chegasse a fracassar.

[...] Mozart lutou com uma coragem espantosa para se libertar dos aristocratas, seus patronos e senhores. Fez isto com seus próprios recursos, em prol de sua dignidade pessoal e de sua obra musical. E perdeu a batalha—como, pode se afirmar com a presunção da visão *a posteriorí era* de se esperar(ELIAS, 1995, p.10)

No entanto, apesar da luta pela libertação aristocrata ele também buscava reconhecimento social, desejava que a corte o reconhecesse, pois “Mozart, por sua vez, era um jovem orgulhoso que conhecia o próprio valor”. (ELIAS, 1995, p. 58). E mesmo reconhecendo seu próprio valor necessitava de reconhecimento junto às várias cadeias de relacionamentos aristocrata ele necessitava de uma referência de grupo. Como diz Elias:

O que neste cosmos humano marca e liga o ser humano singular (...) não são simplesmente os reflexos da sua natureza animal, é sim a sua integração irrevogável no contexto global das suas necessidades e seu comportamento com o de outros homens, com os vivos e os já mortos e, de certa forma, mesmo com os ainda não nascidos. Em resumo, é a sua dependência de outros e a dependência de outros dele, as funções de outros para ele e a sua função para os outros(ELIAS, 1993, p.63).

Segundo Elias desta maneira, entender o indivíduo na conjuntura da individualização significa entender que essa individualização se dá também em um processo plural, ou seja, entre indivíduo e sociedade. Existem oscilações de tensão de interdependência que são imprevisíveis para construção do indivíduo e da sociedade.

Assim, o indivíduo pode expressar o sentimento de que a vida social lhe recusa a realização seu eu interior. Pode achar que a sociedade impele de violar sua “verdade íntima”.Elias afirma:

O conceito de individualização está intimamente ligado com o de autocontrole, que é o processo que vai da exteriorização à interiorização. O indivíduo interioriza os sentimentos, paixões, emoções, controles e representações produzidas nas relações sociais e em suas atividades mentais, e depois ele exterioriza suas representações através de comportamentos, *habituse* relações poder. Desta maneira, pensamento e ação estão interligados no plano individual em função do social, que dirige o individual (e vice-versa) para um certo limiar de controle exigido e aceito pelos demais indivíduos em sociedade (ELIAS, p.1993).

Fazendo uma relação com a história de Mozart e da jovem com SD ambos têm narrativas individuais com singularidades que se deparam no julgamento da sociedade com análise do que se externa “o pensamento e ação” avaliando o seu desempenho e limite. A individualização da jovem com SD também componente de estudo nesse artigo, percebemos que sua individualização vive em constante conflito, pois, os olhares lançados ao seu corpo, muitas vezes fazem dela “objeto de ninguém.” A verdade é que a pessoa com deficiência na sociedade contemporânea ainda é vista com olhos preconceituosos. Muitas pessoas no contexto social, ainda não se sentem aptas a desenvolverem fios de relacionamentos que venham a favorecer a inclusão.

Muitas, ainda desconhecem habilidades que as pessoas com deficiência carregam em seu corpo e impõem padrões de comportamentos. Esse desconhecimento faz com que a deficiência seja vista como algo anormal, que não se adéqua ao contexto da sociedade. “A verdade é que a deficiência é

mais do que um enigma: é um desconhecimento erroneamente descrito como anormal monstruoso ou trágico, mas que fará parte da trajetória de vida de todas as pessoas que experimentarem os benefícios da civilização” (DINIZ, 2007, p.78).

Diferentes todos nós somos, vivemos em uma sociedade plural híbrida e em constante transformação cada um carrega em si marcas individuais sendo biológica ou social isso é o que nos faz indivíduos únicos.

Também é importante destacar que a síndrome de Down não é uma doença, e sim uma condição inerente à pessoa, portanto não se deve falar em tratamento ou cura. Podendo ser manifesta com a mesma frequência em ambos os sexos em qualquer grupo social.

No entanto, o que trazemos aqui é o entendimento de como a aluna com Síndrome de Down, que faz parte do nosso projeto de extensão, se percebe em sua individualização e é percebida no contexto social no qual está inserida.

5 METODOLOGIA

Para responder o que foi objetivado, foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa, a pesquisa qualitativa permitiu ao pesquisador uma amplitude do conhecimento a respeito do que se está sendo pesquisado não se restringindo apenas a números como resultados (TESCH, 1990). Foi realizado um estudo de caso, o qual teve como sujeito da pesquisa uma aluna com SD. O instrumento metodológico para a análise dos resultados foi a observação participante, o pesquisador participa da investigação, ou seja, o mesmo intervém no decorrer da coleta dos dados mantendo uma interação com a pessoa a ser pesquisada.

Nossos atendimentos desenvolveram-se em três encontros semanais com a aluna no período de agosto a dezembro de 2015 na sala do Núcleo de Educação Especial da UEPB. Nesses encontros ocorreram avaliações do sujeito; a intervenção; a avaliação pós-intervenção.

6 RELATO DE EXPERIÊNCIA

E o que seria este Núcleo? É onde desenvolvemos um trabalho de atendimento a sociedade e aos alunos do Campus Campina Grande-PB. Onde fui monitora e ex-aluna bolsista para esse cargo.

No segundo período do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia 2015.1, fui convidada para ser monitora voluntária do Núcleo de Educação Especial da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, campus Campina Grande, PB. Com muito bom grado acolhi o convite feito pelo Professor Doutor Eduardo Onofre. O Núcleo de Educação Especial atende a sociedade e aos alunos da instituição que precisam de Apoio Educacional Especializado. Por exemplo, textos podem ser modificados para áudio, para alunos cegos ou de baixa visão, a digitação para alunos de que tem dificuldade para o manuseio do computador, essas atividades desenvolvidas com assunto diversos, uma com a música Como é seu nome? reproduzida pelo you tube. Depois, realizamos uma atividade em folha para melhor compreensão da música, entendendo um pouco mais quem é você através de figuras recortadas em revistas. Esse é um exemplo de atividades que desenvolvi com a aluna durante nossos encontros no Núcleo, entre outras atividades que até o período 2017.1 desenvolve juntamente com Aliderberg funcionário efetivo do Núcleo.

Também foi desenvolvido atendimentos pedagógicos com alunas com Síndrome de Down, nas mediações da Universidade. Sendo uma criança com nove anos chamada Paula(nome fictício) e outra uma jovem com vinte e seis anos chamada Ana (nome fictício).

No ano de 2016.1 fui contemplada com uma bolsa, me ajudava e incentivava no desenvolvimento das atividades prestadas no Núcleo foi um grande incentivo para continuar o trabalho, pois ajudava em meu transporte regular de ônibus.

De acordo com Almeida (2007) a grande maioria das crianças com D. I (Deficiência intelectual) conseguem aprender a fazer muitas coisas úteis para si, sua família, escola, sociedade. Podendo assim contribuir no dia a dia e ter o controle de suas ações, como também desenvolver tarefas propostas para seu

bem está e quem estiver a sua volta, para assim alcançarem a autonomia que precisam sempre tendo um apoio educacional e emocional.

Em 2015.1, estando na monitoria juntamente com outra professora dando um suporte, ficava com Ana apenas uma vez na semana nas quartas. Quando iniciamos o ano de 2016.1, assumi os três dias da semana, segunda, quarta e sexta. Nosso atendimento pedagógico durava em torno de duas horas e meia a três dependendo à disposição de Ana naquele dia.

De acordo com Schwartzman (2003), tanto o comportamento quanto o desenvolvimento cognitivo não estão exclusivamente relacionados à sua alteração cromossômica, mas sim ao restante do seu potencial genético e, principalmente, ao estímulo social que recebe do contexto sociocultural a qual está inserida.

Cada ser humano tem seu tempo, não é diferente de alguém DI (Deficiência Intelectual) eles precisam do estímulo, mas tempo para absorver e reproduzir conforme as suas necessidades. Vejo que o DI (Deficiência Intelectual) possuem muito mais semelhanças do que diferenças com a população.

As aulas sempre eram bem dinâmicas e planejadas com antecedência utilizando livros didáticos que conseguia doações das escolas da cidade de Queimadas- PB, onde minha mãe é supervisora. Paradiáticos, atividades em folhas tudo do meu arquivo pessoal. Sempre trazia projetos de jogos, maquetes, cartazes, brinquedos, onde sempre produzíamos tudo.

Os atendimentos aconteciam nas segundas, terças, quartas e quintas. Sendo separados os horários para cada uma, segundas e quartas o atendimento com a Ana minha aluna de estudo, e terça e quinta com a Paula.

No ano de 2016.2 dei início às aulas com Paula. Os atendimentos aconteciam nas segundas, terças, quartas e quintas. Sendo separados os horários para cada uma, segundas e quartas o atendimento com a aluna Ana e terça e quinta com a aluna Paula. Mas, com Paula durou apenas seis meses, sua mãe alegava muitas dificuldades em mobilidade com a filha. Paula faltava muito aos encontros tornando-se assim impossível de acompanhá-la seu desenvolvimento. Desde primeiro encontro, pude perceber uma grande dificuldade em concentração onde me impossibilitou de trabalhar metodicamente por conta de suas faltas e chegadas fora do horário.

A sociedade ainda desconhece habilidades que as pessoas com deficiência carregam em seu corpo. E impõem padrões de comportamentos. Esse desconhecimento faz com que a deficiência seja vista como algo anormal, que não se adéqua ao contexto da sociedade.

A verdade é que a deficiência é mais do que um enigma: é um desconhecimento erroneamente descrito como anormal monstruoso ou trágico, mas que fará parte da trajetória de vida de todas as pessoas que experimentarem os benefícios da civilização (Diniz2007, p.78).

Pessoas que carregam em seu corpo a DI (Deficiência Intelectual) apesar das alterações genéticas, não podem ser percebidas como indivíduos incapazes de estabelecer laços de relacionamentos com o outro. Mesmo em seu corpo trazendo a presença de um cromossomo extra nas células, também conhecida como a trissomia 21. E representa causas freqüente de retardo mental. Tendo condições que geram déficits no desenvolvimento intelectual, especificamente nos atrasos no campo da aquisição da linguagem, da cognição e comunicação, no desenvolvimento motor e na estatura, relacionados ao crescimento e ganho de peso, alguns são propensos a desenvolverem problemas cardíacos. Aparentando características físicas fortes que são típicas e deficiência intelectual em diferentes graus. Nem todos os indivíduos apresentam essas características, assim como podem apresentá-las em diversas intensidades.

Segundo Saad (2003), todavia é importante compreender que mesmo sendo a Síndrome de Down uma condição genética e por conta disto apresentar diferenças orgânicas em relação à população em geral, não se pode determinar um padrão de desenvolvimento e comportamento previsível a todas elas. Podendo ser manifesta com a mesma frequência em ambos os sexos em qualquer grupo social.

7 CONCLUSÃO

Diante dos pontos expostos no artigo o objetivo foi mostrar a importância e contribuição do Núcleo de Educação Especial da UEPB na vida de uma jovem com SD.

O núcleo contribui de uma forma muito positiva na vida de cada jovem que é atendido, ajudando sempre na área da aprendizagem, psicomotora, emocional e social.

As atividades que foram desenvolvidas junto a jovem com deficiência intelectual ajudam em seu desenvolvimento e interação no meio social diário. Vemos também a relação do corpo com deficiência intelectual, no contexto social.

A presença de pessoas com necessidades educacionais especializadas também se faz dentro da universidade, alunos (as) que estão precisando deste apoio que o Núcleo proporciona. Pois é o lugar onde são ofertados materiais adaptados.

A inclusão é necessária, sabemos quanto isto ainda é distante de nossa realidade, mas se nas Instituições como: escolas, universidades, empresas, colocarem no quadro funcional pessoas qualificadas e especializadas para trabalhar, essa inclusão poderia acontecer de uma forma mais facilitadora e eficaz. A educação especial sempre visa a integração e a inclusão das pessoas com deficiência na sociedade.

Ana nos dias atuais desenvolve seus afazeres diários de uma forma mais facilitada devido às intervenções que foram realizadas durante os atendimentos prestados. Sua coordenação motora, dicção, interpretação, sentimentos, independência, identidade e emoções. Percebemos que tudo foi aflorado de uma forma positiva.

Enfim, as ações desenvolvidas pelo NEDESP (Núcleo de Educação Especial) se tornam um grande benefício, para os alunos da UEPB (Universidade Estadual da Paraíba), e mostra que ainda temos um grande caminho a trilhar, buscando melhoria para a educação de pessoas com necessidades especiais, pois essa luta é nossa, sendo constante e coletiva.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, D. Barros, **Política educacional e formação de docente na perspectiva de inclusão**, 2007.

BRASIL, Movimento Down. Disponível em: <http://www.movimentodown.org.br/sindrome-de-down/caracteristicas/> Acesso em: 25 de fevereiro de 2019.

BRASIL, Instituto de Geografia e Estatística. Acesso em: <http://www.deficienteciente.com.br/2012/07/censo-ibge-46-das-pessoas-com-deficiencia-recebem-ate-1-salario.html>. 03 de fevereiro de 2019.

[BRUNONI], M. E. F. SCHWARTZMAN, J. S. **Contribuições para a inclusão**. Mackenzie Ed. , São Paulo, 2015.

DINIZ, D. O que é deficiência ? Brasiliense. São Paulo, 2007.

ELIAS, Norbert: Mozart: **Sociologia de um Gênio**, Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro, 1995.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.1994. v 1.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Tradução, Vera Ribeiro; revisão técnica e notas, Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed. 1994.

A Pior Prisão do mundo: **Superando o cárcere da Emoção**, São Paulo, Editora Academia de Inteligência, 2000.

FACCI, Marilda G. D.**Valorização ou esvaziamento do trabalho do professor?um estudo crítico-comparativo da teoria do professor reflexivo, do construtivismo eda psicologia vigotskiana**,Campinas,SP: Autores associados, 2004.

FISHER, Julianne. **Uma abordagem prática da neurociência como contribuição para alfabetização de pessoas portadoras de necessidades educativas especiais**. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

MONTESSORI, M. **Pedagogia científica**. São Paulo: Flamboyant,1965.

MAGALHÃES, A. B. **Dia Internacional da Síndrome de Down**.Blog da Saúde,2015.

SAAD, S. N. **Preparando o caminho da inclusão: dissolvendo mitos e preconceitos em relação à pessoa com Síndrome de Down**. 1º ed. São Paulo: Vetor, 2003.

SCHWARTZMAN, J. S. **Síndrome de Down**. 2 ed. São Paulo: Memnon: Mackenzie, 2003.

TORRES GONZÁLEZ, JOÉ ANTONIO. **Educação e diversidade: base didáticas e organizativas**/José Antonio Torres Ganzález; trad. Ernani Rosa-Porto Alegre: ARTMED Editora, 2002.

TAFNER, Malcon Anderson; Fischer, Julianne. **O cérebro e o corpo na aprendizagem**. Indaial: ASSEVI (2004).

TESCH, Renata. **Qualitative research: analysis types and software tools**. Basingstoke: The Falmer Press, 1990.

UNESCO. 1968. A educação Especial: Relatório sobre a situação atual e tendências de investigação da Europa

EDUCAR, Curitiba, n.32, p.253-256, 2008. Editora UFPR.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm

<http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/32101-educacaoespecial?limitstart=0>

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me concedido força e ânimo para concluir este curso, pois ele é o autor da minha história que realiza sonhos. Confesso que muitas vezes chorei pensando não conseguir, mais Ele foi o meu socorro em meio a tribulação.

Quero com imensa gratidão agradecer ao meu singelo pai Francisco Veras e ao meu exemplo de pedagoga minha amável mãe Márcia Patrício, os quais me incentivavam a estudar e ingressar em uma universidade.

Ao meu amado e extraordinário marido Elder por sempre está ao meu lado me ajudando em cada decisão a ser tomada, por todas as palavras de ânimo e incentivo durante a caminhada árdua, e por todo investimento feito. Obrigada por sonhar meus sonhos.

A meu querido irmão Franklin, pela paciência e compreensão de ajudar sempre que precisei, a sua amada esposa Priscila e minha querida sobrinha Alicia a qual sempre observei e aplique atividades ao longo do curso. A minha querida amiga Eleuza Maria, que falta adjetivos para descreve – lá, por tamanha compaixão a próximo e principalmente a minha pessoa, quero aqui deixar registrado que sem você não teria concluído esse sonho.

Quero agradecer a todos os amigos que fiz ao longo desta jornada, as grandes alegrias, tristezas e dificuldades que passamos juntos, que fizeram de nós quem somos hoje. Hoje finalizamos mais uma etapa de nossas vidas. Obrigada a todos da turma de Pedagogia 2014.2.

A minha dedicada orientadora Prof. Ruth Ribeiro, que me guiou durante esta jornada, agradeço pela sua disponibilidade, interesse e receptividade e seu grande desprendimento em ajudar.

Agradeço à Universidade Estadual da Paraíba, por tantas oportunidades. Ao professor Eduardo Onofre pela disciplina de Educação Especial a qual me motivou todo o curso. Ao funcionário Alindenberg pelo apoio no Núcleo de Educação Especial e aos meus queridos atendentes e seus Pais pela confiança. E enfim, a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para realização deste artigo.